

Farinha, banana e peixe assado: etnografia da pesca artesanal, cultura e religiosidade popular na vila de Manguinhos (ES), com base nas falas do pescador Antônio Bino.

Flour, banana and roasted fish: ethnography of artisanal fishing, culture and popular religiosity in the village of Manguinhos (ES), based on the speeches of fisherman Antônio Bino.

Maria Bernadete Marques Abaurre¹

Gustavo Cesar Ojeda Baez²

Maria Lucia Abaurre Gnerre³

Resumo

O objetivo deste artigo é contribuir para a composição de uma etnografia cultural da pesca na vila de Manguinhos, localidade litorânea situada no município da Serra (ES). Associada a esta cultura pesqueira, analisaremos aspectos de uma religiosidade popular vinculada ao Congo, manifestação artística e religiosa característica da região. Vamos nos pautar pelo olhar de um de seus principais protagonistas para construir cenas desta “história pesqueira”: Antônio Bino, um famoso mestre de pesca da região, cujos depoimentos foram registrados em um estudo etnográfico realizado entre os anos de 1970 e 80, por uma das autoras do presente artigo. Em um segundo momento do texto, faremos uma breve análise da condição da vila de Manguinhos na contemporaneidade, quando os territórios do trabalho pesqueiro passam a ser relegados a segundo plano, em meio às intensas transformações urbanísticas e sociais trazidas pelo turismo de massa que se instala na região desde o fim da década de 1980.

Palavras-Chave: Etnografia, Pesca artesanal, Religiosidade popular, Vila de

¹Doutora em Linguística pela State University of New York/Buffalo Instituição: UNICAMP/Instituto de Estudos da Linguagem. Pesquisa em andamento: "Processos de harmonia vocálica em sílabas pretônicas e padrão rítmico binário no português do Brasil". Órgão Financiador: CNPq (processo 10093/2015-5).

² Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Instituição: UFPB/Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões/Bolsista: PNPd-CAPES.

³ Doutora em História pela UNICAMP. Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)/Departamento de Ciências das Religiões.

Manguinhos.

Abstract

The purpose of this paper is to contribute for the composition of a social and cultural history of fishing in the village of Manguinhos, a small coastal town situated in the county of Serra (ES), Brazil. Associated with this fishing culture, we will analyze aspects of a popular religiosity linked to Congo, na artistic and religious manifestation characteristic of the region. The construction of the most relevant scenes of this "fishing history" will be guided by one of its main protagonists: the fisherman Antonio Bino, a famous fishing master of the region, whose testimonies were recorded in an ethnographic study conducted between the 1970s and 1980s. In a second moment, we will present a brief analysis of the condition of the village of Manguinhos in the contemporaneity, when the territories of the fishing work became relegated to the background, due to the intense urban and social transformations brought by the mass tourism that has been established in the region since the end of the 1980s.

Keywords: Ethnography, Artisanal fishing, Popular religiosity, Manguinhos village.

1. Introdução

Abordaremos neste artigo alguns elementos importantes para a composição de uma antropologia social da cultura da pesca artesanal na vila de Manguinhos, localidade litorânea situada no município da Serra (Espírito Santo). Nossa proposta central é desenvolver um pouco desta antropologia pesqueira, a partir do olhar de um de seus principais protagonistas: o pescador Antônio Bino, cujos relatos orais foram registrados em um estudo etnográfico realizado entre os anos de 1970 e 80, por uma das autoras do presente artigo. Tais registros etnográficos permaneceram praticamente inéditos até o momento, e representam hoje um acervo documental relevante para refletirmos sobre a etnografia, enquanto caminho metodológico privilegiado para a observação das relações de sentido que se estabelecem entre a pesca artesanal, as manifestações culturais como o Congo, e as religiosidades populares daqueles agentes sociais.

Em um segundo momento do texto, faremos uma breve análise da

condição da vila de Manguinhos na contemporaneidade, quando a localidade e os referidos territórios pesqueiros passam a ser relegados a um segundo plano, em meio às intensas transformações urbanísticas e sociais trazidas pelo turismo de massa, que se instala na região desde o final dos anos 80. Assim na primeira parte deste artigo resgatamos e analisamos registros documentais históricos e etnográficos, e, na segunda parte, tecemos considerações sobre as transformações sociais que essa comunidade atravessa ao longo de quatro décadas, quando o trabalho pesqueiro deixa progressivamente de ser o eixo central de sua vida social.

Antes, porém, de analisarmos os registros etnográficos sobre o pescador, consideramos importante fazer algumas considerações de caráter introdutório sobre a história da região, para compreendermos o contexto no qual nosso personagem se insere. De acordo com nossas pesquisas preliminares, a vila de Manguinhos surge em documentos históricos a partir do início do século XIX, nos relatos de Auguste de Saint-Hilaire. Esses primeiros registros acerca dessa vila dizem respeito especificamente à praia da Ponta dos Fachos, uma de suas principais praias, que teria sido descrita pelo famoso viajante em sua obra *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*, narrativa produzida por ocasião de sua viagem pela região, em 1818 (NEVES, 2003, p. 195). Apesar desse registro inicial ter sido feito por um importante naturalista do século XIX, são os folcloristas capixabas, sobretudo Luiz Guilherme Santos Neves, que, a partir da década de 50 do século XX, passam a registrar o modo de vida e a tradição pesqueira da região, nos moldes dos registros feitos pelos folcloristas da época⁴, que recebiam o aval dos institutos históricos e geográficos (no caso, o IHGES).

É importante lembrar que as décadas de 30 e 40 foram decisivas para a

⁴O conceito de *Folklore* se desenvolve na Inglaterra no século XIX, vinculado a uma forte tradição Alemã do fim do século XVIII e início do século XIX de estudos dos contos e canções de artesãos, camponeses, e outras camadas populares que estariam em processo de desaparecimento. Esse estudo “folclórico” ganha identidade própria a partir de trabalhos como os produzidos Irmãos Grimm, por exemplo, num processo que Burke (2010, p. 26) intitula como “A descoberta do povo”.

formação de uma tradição de folcloristas no Brasil. Nesse período do governo Vargas, temos uma série de ações que representam um incentivo a estudos desse tipo. Em São Paulo, temos a fundação da Sociedade de Etnografia e Folclore, em 1937, que passa a reunir importantes pesquisadores em torno do Curso de Etnografia instituído por Mário de Andrade (DINIZ, 2010, p. 132). No nordeste, a tradição dos folcloristas também se faz presente com a elaboração de importantes obras sobre o tema, escritas por autores como Luis da Câmara Cascudo (cf. GOMES E GOMES, 2009) e também Gilberto Freyre, que se dedica em diversos momentos de suas obras a registros de cunho “folclórico” ou mesmo etnográfico⁵. Ou seja: justamente a partir das décadas de 30 e 40, período de intensa busca por uma “identidade nacional brasileira” (GNERRE, 2001), temos a difusão desta tradição de folcloristas no Brasil, e o Espírito Santo também desenvolve sua tradição local. Aspectos como a vida dos pescadores nas comunidades praieiras, as festas de puxada de Mastro e as bandas de Congo passam a ser temas de grande relevância para autores como o já citado Guilherme dos Santos Neves, Renato Pacheco, mais tarde Reinaldo Santos Neves (filho do primeiro)⁶, Hermógenes Lima da Fonseca, além de outros importantes nomes. Em décadas posteriores, a noção de “Folclore” passa a ser questionada e perde lugar nas pesquisas acadêmicas, sobretudo no campo da história, para a noção de cultura popular, de acordo com as concepções de Peter Burke (2010), por exemplo. No entanto, embora o conceito seja historicamente datado, é inegável a contribuição dessas gerações de folcloristas para os registros históricos de manifestações sociais e culturais, como vemos no caso do relato sobre a vila de Manguinhos elaborado por Guilherme dos Santos Neves na década de 1950.

É justamente nesse contexto histórico de meados do século XX, que a vila de Manguinhos, em função de suas peculiaridades sociais e culturais, bem como por sua relativa proximidade da capital do estado (Vitória), passa a ser um vista como um local privilegiado para pesquisas de caráter folclórico e por isso recebe

⁵ *Sobrados e Mucambos* seria um bom exemplo disso (Cf. FREYRE, 2000).

⁶ A este respeito cf. NEVES, 2008.

descrições minuciosas do referido autor, em 1957. Nesse ano, de acordo com tais descrições, a vila, localizada a 30 Km de Vitória, contava com cerca de 120 moradias e seiscentos moradores, sendo acessível apenas por estrada de chão, não dispendo de energia elétrica, tendo como única atividade econômica até aquele momento a pesca artesanal marítima (NEVES, 2003, p. 196).

As estradas de rodagem que passam a existir na década de 50 teriam rompido um isolamento geográfico da vila, que em épocas anteriores era acessível apenas por canoa. Foram justamente tais estradas que permitiram que os pescados da vila fossem escoados para a capital do estado e para outras regiões serranas do estado, das quais desciam, dentre outros, imigrantes pomeranos, para adquirir os famosos peixes salgados, preparados pelas esposas dos pescadores. Assim, impulsionado pela abertura das estradas, temos inicialmente um ciclo de desenvolvimento que faz com que a demanda pela pesca artesanal da vila aumente, já que ela passa a interagir com novos mercados de compradores. Esse pequeno ciclo de desenvolvimento econômico local, em um primeiro momento, não teria prejudicado a tradição da pesca artesanal⁷ do ponto de vista sociocultural; pelo contrário, teria estimulado seu desenvolvimento, atrelado ao conhecimento e às atividades dos mestres de pesca locais.

Outro elemento importante para a compreensão da construção da identidade cultural da vila – já presente nos registros de NEVES (2003) nos anos 50 – é a banda de Congo, reminiscência cultural associada aos escravos do Espírito Santo e Minas Gerais que passa a ganhar visibilidade enquanto elemento importante da identidade cultural capixaba, sobretudo a partir da década de 1980⁸. A figura do mestre é também central na tradição do Congo: o mestre é o

⁷ Sobre o conceito de tradição atrelado a pesca, cf. BAEZ, 2016, p. 52.

⁸ Há uma série de trabalhos acadêmicos relevantes sobre as bandas de Congo do Espírito Santo. Entre estes citamos os de NEVES, 1980; OSÓRIO, 1999; CONCEIÇÃO, 2013 e MACEDO, 2013. É importante notar ainda que há uma controvérsia entre autores que compreendem o Congo na ótica do Folclore e os que compreendem esta manifestação no âmbito do conceito de Cultura Popular (cf. BERGAMIM e RABELO, 2017, p. 4). Em termos históricos, pode-se dizer que a manifestação que se desenvolve entre os negros do Espírito Santo e Minas Gerais no fim do século XIX passa por um processo de reconhecimento enquanto fator de identidade cultural capixaba a partir de um processo de espetacularização que se dá a partir da década de 1980, quando o cantor

portador de saberes essenciais para sua existência, saberes que se aplicam tanto ao ritmo dos tambores e suas sonoridades, quanto à própria confecção dos instrumentos tradicionais e a uma série de questões associadas. Alguns destes mestres de Congo do Espírito Santo eram também mestres de pesca, como é o caso do Sr. Antônio Bino, protagonista do estudo etnográfico a que nos referimos neste texto, realizado nos anos 70 e 80 do século XX.

1.1 Um mestre do Congo e da pesca artesanal

Antônio Bino foi um pescador que viveu até os primeiros anos da década de oitenta e que exerceu dupla mestrança: na terra, foi mestre das tradições do Congo, e no mar foi mestre nas tradições da pesca. Nossa hipótese, a partir dos registros etnográficos existentes, é que esses dois exercícios de diferentes naturezas de mestrias, se retroalimentavam na figura deste ator social. Especialmente a vivência no mundo do Congo, permeado por crenças e religiosidades, facilitaria, em nossa visão, o desenvolvimento de uma perspectiva também permeada por valores e lendas sobre o mundo do mar. Para compreender esse diálogo entre a cultura do Congo e a cultura da pesca artesanal, é preciso analisar brevemente o significado de cada uma destas categorias de mestrança, cuja observação mais detalhada será realizada ao final deste subcapítulo, quando tratamos das habilidades atribuídas aos mestres da pesca artesanal.

Um mestre de Congo deveria ser invariavelmente um negro portador de saberes tradicionais. Sua presença remete à herança dos escravos no Espírito Santo, que se organizam em núcleos quilombolas e, após a abolição, em pequenos núcleos praieiros de negros pescadores (NEVES, 2003). A tradição das Congadas tanto no Espírito Santo como em Minas Gerais, se funda num contexto de relações atlânticas que se desenvolveram nos encontros e desencontros da colonização brasileira, quando se estabelecem confluências culturais entre

Martinho da Vila lança sua famosa canção “Madalena do Jucu”, no álbum “O Canto das Lavadeiras” (MACEDO, 2013, p. 91)

tradições cristãs e tradições advindas de religiosidades afro-indígenas. Nessa perspectiva, de acordo com COSTA e MATTOS (2017), o Congo Capixaba deve ser compreendido como uma manifestação significativa na tradição da cultura popular capixaba. Essa expressão cultural é, segundo os estudiosos, marcada por um ritmo musical peculiar que se utiliza de instrumentos específicos, cantos, danças, trajes típicos, e, por um conjunto simbólico de crenças e ritos de natureza mágico-religiosas, que dão sentido as festas.

Notadamente, as contribuições africanas mais significativas para as Congadas, ou para os Congos⁹, dizem respeito às formas tradicionais de idealização e realização dos festejos populares, ou seja, parte significativa da cultura e dos modos de ser africanos, expressos no Congo, se reproduz, justamente, nos aspectos festivos-religiosos¹⁰ que essas populações constroem em sua vida social. A partir destas contribuições, o Congo se estabelece, prioritariamente, como uma manifestação e identificação cultural de origem Afro-brasileira (COSTA e MATTOS, 2017, p. 314-315).

Geograficamente, estas manifestações das Congadas se desenvolvem no Espírito Santo junto a comunidades pesqueiras do litoral, sendo a “Puxada de Mastro” realizada no dia de São Benedito, sua principal festividade. Segundo Elvira Cerniavskis (2010) o Congo pode ser interpretado como uma espécie de:

Dança que remonta aos rituais africanos e “coroação do Rei Congo e da Rainha Ginga de Angola, acompanhado de um cortejo compassado, levantamento de mastros e música. Os instrumentos musicais utilizados são os tambores, a cuíca, a

⁹ No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Câmara Cascudo define Congada, Congado e Congo como “folgado de formação afro-brasileira, em que se destacam as tradições históricas, os usos e costumes tribais de Angola e do Congo, um auto com elementos temáticos africanos e ibéricos, cuja difusão data do século XVII.” Cf. CASCUDO, 198X, p. 149.

¹⁰ Pode-se dizer, numa perspectiva de análise antropológica sobre os fenômenos das festas religiosas, que esses eventos desempenham uma função social de reprodução cultural, já que “carregam” na repetição de seus ritos, valores e crenças de caráter religioso, que são socialmente partilhados durante os festejos. Numa noção expandida de religiosidade popular, vinculada às festas populares, podemos notar, portanto, um amplo sistema de crenças, valores e práticas que se manifestam nos momentos festivos. Isto é, tratamos de um sistema cultural material e simbólico que se configura historicamente, relacionado à própria vivência social e religiosa dos atores analisados em meio à natureza e a sociedade.

caixa, o pandeiro, o reco-reco. RABAÇAL, em "As Congadas no Brasil" (1933), vai utilizar o tempo todo a denominação Congos, Congados, Congadas. Esta manifestação cultural e religiosa, de influência africana, ocorre em algumas regiões do Brasil, tendo por temas a devoção a São Benedito, o encontro da imagem de Nossa Senhora do Rosário e a Embaixada (representação da luta de Carlos Magno e os Doze Pares de França e o Rei da Turquia, ou seja o combate entre mouros e cristãos). O ponto alto da festa, a coroação do Rei e da Rainha, acompanhado de um cortejo, levantamento de mastros e música, tradição esta trasladada para o Brasil pelos negros africanos, escravizados, dando origem ao movimento sincrético religioso na cultura nacional." (CERNIAVSKIS, 2010, P.8-9)

Conforme a descrição acima, o ponto alto da festa do Congo é a chamada "puxada de mastro", que simboliza a coroação dos reis. No entanto, existem algumas peculiaridades no caso das Congadas do Espírito Santo. Em linhas gerais, pode-se dizer que o Congo Capixaba é uma expressão mais espontânea e menos teatral-religiosa, focada principalmente na música e na dança. As bandas de Congo capixabas, como aquela de Manguinhos que tinha Antônio Bino como mestre, podem ser caracterizadas apenas como grupos de pessoas que se reúnem para tocar tambores e outros instrumentos característicos como a Casaca (espécie de reco-reco com formas antropomórficas), dançar e cantar melodias de caráter amoroso, religioso ou lúdico-brincante, como é característico da cultura popular (SOUZA, 2005, p. 120).

Muitas destas melodias características do Congo encontram-se registradas nos diários de campo resultantes das entrevistas realizadas com o referido pescador na década de setenta. Nestas melodias, vemos que elementos da natureza, sobretudo relacionados ao mar, se fazem presentes nas cantigas do Congo. Além disso, é importante notar que a puxada de mastro na festa capixaba, sobretudo no município da Serra, ao qual a vila de Manguinhos pertence, se faz após os participantes percorrerem um extenso percurso puxando por meio de uma corda, um navio alegórico denominado Palermo. Nota-se então uma relação muito estreita no estado, entre a tradição do Congo, a tradição da pesca, e ainda, as tradições quilombolas que se estabeleceram em diversos núcleos do litoral.

Sobre a tradição dos quilombos no Espírito Santo, devemos notar que existem teorias sobre a origem da vila que associam sua formação à presença de um quilombo na região, e aos negros que teriam sido escravizados nos antigos engenhos de açúcar da Serra, município próximo ao qual pertence hoje a vila. Na Serra havia enormes contingentes de trabalho escravo até o século XIX, e aí ocorreram importantes revoltas como a insurreição de Queimado¹¹. Ao conseguir a liberdade, estes ex-escravos teriam gradualmente se instalado à beira-mar, passando a viver da pesca.

A respeito deste contexto pós-abolição na costa do Espírito Santo, escreve Cleber da Silva Maciel:

Nas regiões litorâneas, principalmente, muitos negros puderam sobreviver, de uma certa forma, independentes da realidade econômica centralizada, sem serem submetidos à exploração dos senhores rurais nem dos senhores urbanos. Como pescadores e coletores de mariscos, plantando algumas raízes, criando alguns animais ou caçando outros ou coletando plantas, muitos negros mantiveram vida própria, preservaram a memória e, hoje em dia, constituem as maiores e mais vastas representações da cultura do povo capixaba (MACIEL, 1994, p. 61).

Temos assim, na origem da vila de Manguinhos, um cenário social historicamente fundamentado nestas identidades, tradições e saberes afro-capixabas. Um conjunto de saberes desenvolvidos por estes negros do litoral, que se aplicam tanto ao trabalho e à sobrevivência (no caso da pesca), quanto à arte e à cultura (no caso do Congo), mas que devem sempre ser vistos de forma integrada. É neste cenário que se desenvolve a comunidade de Manguinhos, que permanece relativamente isolada até meados do século XX, e que, em certa medida, se fortalece economicamente com a chegada das estradas na década de 50 e com o aumento da venda de pescados. Essa comunidade, no entanto, também iria sofrer profundas transformações no início dos anos 60, com a instalação da rede de energia elétrica.

A partir deste avanço civilizatório, Manguinhos passa a se configurar

¹¹ A este respeito, cf MACIEL, 1994, p. 31.

como um importante polo de veraneio para famílias vindas da capital do estado e também de Minas Gerais, que constroem suas casas na beira do mar, próximas ao núcleo central da vila. Esse relacionamento com famílias de veranistas passa a trazer novas possibilidades de renda para os pescadores da região, mas passa também a interferir nas dinâmicas sociais e econômicas da pequena vila, que até então teria vivido exclusivamente de seus recursos pesqueiros e de pequenas roças estabelecidas nas proximidades de suas casas.

Consideramos esse período como o início de um processo que aqui denominamos (des)territorialização da pesca na região, um processo que certamente também se desenvolve em outras localidades costeiras do Brasil nesse mesmo período, quando a cultura da praia e do veraneio passa a ser valorizada entre as famílias brasileiras de classe média, e a praia deixa de ser um lugar “relegado” aos pescadores e trabalhadores do mar. Estas famílias também trazem consigo um modo de se relacionar com a praia, e uma série de práticas culturais que teriam sido “inventados” no ocidente a partir de meados do século XIX, quando a praia passa a ser vista como local de lazer e descanso, como analisa Alan Corbin (1989).

Tais “rituais de praia” ganham moldes particulares dentro da cultura brasileira, sobretudo a partir de praias icônicas como Copacabana¹² ou Salvador, por exemplo¹³, onde se instituem modos de sociabilidade próprios que se espalham por outras partes do Brasil. Assim, a partir dos anos 60 e 70, a praia de Manguinhos não seria mais uma vila estritamente voltada para a pesca. Nas areias das praias, entre barracas, boias infantis, cadeiras de praia coloridas, surgiriam também figuras icônicas como Caetano Veloso, que visita o balneário em 1972.

Justamente nesses meses de veraneio, quando as areias das praias eram visitadas por novos habitantes com seus costumes “urbanos”, temos os meses mais abundantes em termos de recursos pesqueiros na região. Segundo NEVES

¹²A este respeito, cf. O'DONNELL, 2011.

¹³A este respeito, cf. ANDRADE, 2015.

(2003, p.198), entre os meses de novembro e março se estende o período em que os cardumes de Manjuba visitavam a região, representando o grande foco dos pescadores locais. Nesse período, pescadores realizavam a famosa empreitada coletiva da pesca de arrasto (a "puxada da rede"), um dos grandes elementos de coesão social e geração de renda para suas famílias, coincidindo assim com o período de veraneio das famílias da capital.

A pesca de arrasto é um trabalho de equipe por excelência, pois depende, em um primeiro momento, do avistamento do cardume ("manjuba no lance!") pelos pescadores localizados na praia, que se comunicam com seus colegas no mar para lançar uma grande rede a partir de suas embarcações, circundando o cardume, fazendo o cerco, e puxando a rede por meio de um intenso trabalho de equipe, que depende de grande força física. Na "puxada de rede" nenhum braço era descartado, e sobretudo os homens que vinham de fora eram incorporados à coletividade do trabalho pesqueiro.

Assim, nesta empreitada da pesca, veranistas urbanos passam a conviver com a cultura pesqueira da região, desfrutando não só dos peixes que eram capturados na rede e vendidos na praia, mas também dos próprios saberes tradicionais vinculados à pesca. Alguns desses registros são feitos pela escritora Ana Maria Machado, filha de uma das primeiras famílias de veranistas a construir suas casas na orla da praia de Manguinhos. A autora registra histórias relacionadas aos pescadores em seus romances de repercussão nacional, como *Do outro lado tem segredos* (1980). Nesse mesmo contexto socio-histórico, temos também o convívio entre jovens universitários, que ali vinham veraneiar com suas famílias nos anos 70, e pescadores locais. É precisamente nesse contexto que se insere o processo de registros etnográficos das falas do Sr. Antônio Bino por parte de uma das autoras do presente artigo, cujos dados serão analisados no item seguinte.

2. Manguinhos, anos 1970: Os registros etnográficos da pesca

Na década de 1970, a linguística dava seus primeiros passos no Brasil. Esse foi o momento em que, inspirados pela metodologia estruturalista para os estudos descritivos, os linguistas começaram a se interessar pela realização de trabalhos de campo, na busca de dados que pudessem ser utilizados para a descrição de diferentes variedades linguísticas faladas no país. Nesse contexto, a partir das entrevistas com os informantes, surgiam também importantes dados de caráter etnográfico. Esse é o caso da pesquisa realizada por Abaurre com o Sr. Antônio Bino, pescador tradicional da vila de Manguinhos, entre os anos de 1971 e 1980.

Os dados desta pesquisa nos revelam hoje, além de interessantes aspectos linguísticos, importantes elementos da vida social pesqueira da vila de Manguinhos, tema deste artigo. O Sr. Antônio Bino foi inicialmente selecionado como informante para a pesquisa por apresentar características de pronúncia que interessavam à pesquisadora em sua descrição: a utilização de qualidades de voz distintas (palatalizada ou velarizada) em diferentes contextos discursivos. A fim de obter os dados para a caracterização dessas qualidades de voz, foram realizadas as entrevistas semiestruturadas. Em termos linguísticos, foram obtidos através deste estudo registros significativos de uso da língua na comunidade, usos esses que constituíam uma espécie de “dialeto de Manguinhos”, profundamente relacionado à construção das representações sociais no interior da comunidade (ABAURRE, 1981, p. 254).

O conteúdo de tais entrevistas contemplava temas como: pesca, comercialização do pescado, vida cotidiana na comunidade, relações familiares, banda de Congo, lendas da região, crenças de religiosidade popular e outros temas de fundamental importância para a compreensão de todo um universo pesqueiro do Espírito Santo naquele período. Em função disso, este registro de campo, para além de considerações de ordem linguística, nos fornece hoje um rico panorama da vida social e cultural dos pescadores da vila de Manguinhos na época. Fornece também um diagnóstico da importância da pesca naquela comunidade, e da centralidade desta prática naquele território, centralidade esta

que foi também registrada pelas lentes de um hábil fotógrafo da região, cuja foto será analisada mais adiante.

Conforme dissemos anteriormente, Antônio José Ferreira Bino foi também reconhecido pelo folclorista Guilherme Santos Neves por sua importância em termos de conhecimento tradicional. Neves, em artigo publicado no jornal *A Gazeta* em 31/01/1960, já registrava as cantigas de Antônio Bino e sua intensa relação com a cultura do Congo capixaba. Outra fonte relevante a seu respeito, embora de caráter ficcional, é a já citada obra *Do outro lado tem segredos* (lançada em 1980), da escritora capixaba Ana Maria Machado, onde todo um universo pesqueiro da vila de Manguinhos dos anos 70 serve de inspiração para o texto da autora, que conta inclusive com um protagonista chamado "Bino", nitidamente inspirado neste pescador que nasceu em 1911 e viveu até a década de 80¹⁴. Assim nosso protagonista tinha entre 59 e 69 anos de vida na ocasião da realização das entrevistas, originalmente registradas em fitas para gravador de rolo e posteriormente transcritas.

Todos estes elementos nos revelam a importância deste mestre de pesca em seu contexto social. Pode-se compreender, do ponto de vista conceitual, que essa distinção social – a honraria de mestre de pesca, atribuída a Seu Antônio Bino – é uma das formas de reconhecimento social observada entre bons pescadores profissionais, geralmente associados à propriedade de seus barcos, e que demonstram, por todos estes motivos, um saber diferenciado dado pelos anos de prática. Entendemos, assim, que os mestres, enquanto atores centrais das culturas pesqueiras, nos revelam, além de um expressivo conhecimento dos mares, o *saber-fazer* da pesca em ação e possuem, como marcas distintivas, formas de transmissão oral específicas e práticas do saber-fazer pesqueiro. (BAEZ, 2016, p. 8-9).

Vamos iniciar nossa análise dos dados obtidos a partir da pesquisa de campo de Abaurre com a seguinte fala do Sr. Antônio Bino (AB), onde o

¹⁴ A respeito da autora e seus personagens, cf. BASTOS, 2010.

informante nos dá um rico relato da diversidade de peixes da região na época (vale observar que, nos cadernos originais da pesquisa, a fala do pescador foi transcrita com todas as suas características fonéticas. Para os fins deste texto, as falas do pescador foram editadas):

Abaurre: Então, seu Antônio, o Sr. fala aí os peixes que costuma pegar na rede em Manguinhos...

A.B: Sim. A manjuba lombo azul, manjuba arenque e manjuba sardinha. Tem o chicharro, tem o galo-do-morro, e o galo legítimo. Tem espada, tem a pescada selvagem, né? (Informação verbal)¹⁵

Outros peixes são também citados e, em seguida, a pesquisadora lança a seguinte questão que dá continuidade à anterior:

Abaurre: sem ser peixe de rede, vocês costumam pescar aqui lá no alto [mar] também, não costumam? Vocês pescam...

AB: lá fora eu... Vou começar: lá fora eu pego peroá, realito, papa-terra, pargo, pargo legítimo, pargo-pena, catoá, brincoara, juriçá, garoupa, olho-de-boi, badejo, cherne...

Abaurre: outro dia vocês pegaram aqui em Manguinhos também um peixe que eu acho que há muito tempo vocês não apanhavam...não sei se é do alto ou da enseada. O senhor lembra qual foi? Uns grandes...

AB: O mero?

Abaurre: não, não foi mero. Eu queria que o senhor dissesse o nome do peixe. Eu não sei se o senhor estava aqui, faz uma semana mais ou menos...

AB: acho que foi garoupa né?

Abaurre: não, acho que foi dourado...

AB: dourado! É, dourado...(Informação verbal) ¹⁶

O que podemos observar em primeiro lugar, nesta fala do entrevistado, é a grande diversidade de peixes que eram retirados das águas de Manguinhos na década de 1970. Esta diversidade é condizente com o que se relata no texto de NEVES (2003), com base em sua pesquisa de campo da década de 1950. Ou seja: até os anos 1970 e 1980, temos uma grande diversidade marinha preservada na região e o relato do Sr. Antônio Bino, associado aos registros anteriores de Neves

¹⁵ Entrevista concedida por Antônio Bino. Entrevista I. [jan. 1971]. Entrevistador: Maria Bernadete Marques Abaurre. Manguinhos, ES, 1971. Duas fitas para gravador de rolo (120 min.), transcritas manualmente.

¹⁶ Ibid.

(2003), nos permitem, em certa medida, traçar uma história ambiental do litoral capixaba ao norte de Vitória, de sua rica diversidade pesqueira, e da convivência supostamente harmoniosa entre pescadores tradicionais e recursos pesqueiros, que permanecem preservados ao longo de décadas. Além disso, é notável também o recurso mnemônico do pescador, que dispõe desta rica listagem de peixes em sua memória e os subdivide entre “peixes a serem pescados de linha” e “peixes de rede”.

Além das redes, os artefatos da pesca em geral parecem ser um tema de grande interesse nos relatos do pescador. Na verdade, o que se pode observar é que sua identidade social está profundamente vinculada a sua categoria de trabalho, pois a categoria dos pescadores enquanto trabalhadores¹⁷ depende fundamentalmente do conhecimento sobre o uso adequado de artefatos, de iscas, e, em grande medida, do conhecimento sobre a fabricação de tais artefatos. Assim, além de uma história ambiental, há toda uma história social do trabalho pesqueiro – para utilizarmos o conceito de Thompson (2002) – que pode desenvolvida a partir de narrativas como a do Sr. Antônio Bino, em passagens como esta:

Abaurre: e quando vocês vão pescar no alto, o que é que tem que ir com vocês para a pescaria?

AB: nesse tempo agora levamos a isca de manjuba, e tempo frio é guruçá.

Abaurre: e vocês pescam com o quê, qual é o instrumento que vocês usam para pescar?

AB: o anzol, botamos três anzol para o fundo, iscado.

Abaurre: e esse anzol é preso com uma linha de quê?

AB: na jogada, depois da jogada [...] linha grossa chama-se o corpo de jogada, com três anzol, amarrados na ponta da linha grossa, com a chumbada arreia pro fundo.

[...]

Abaurre: e vocês levam alguma coisa pra comer?

AB: levamos farinha, hehehehe..., banana, hehe... e peixe

¹⁷Na academia brasileira, DIEGUES (1983) organiza larga reflexão sobre a vida social dos trabalhadores do mar, mostrando quais as implicações teóricas no uso de certos conceitos provenientes da terminologia marxista como as noções de campesinato e divisão social do trabalho. O autor constrói e apresenta as suas concepções de produção e reprodução social, destacando para seus leitores o *particularismo* deste povo do mar que transita cotidianamente entre o mundo dos “homens” e a “natureza”. (BAEZ, 2016, p. 32)

assado, ...hehehehe... e água, hehe (Informação verbal)¹⁸.

Há uma relação íntima entre os tipos de isca, os tipos de linha, os tipos de anzol e as estações do ano. A forma como se trabalha no mar está intimamente relacionada aos fatores climáticos e ecológicos determinados pelo próprio mar. Através do conhecimento das dinâmicas destes fatores, o pescador passa a trabalhar junto do oceano, numa parceria fundamentada em um rico conhecimento empírico-ambiental, historicamente construído por gerações de pescadores.

Esse cabedal complexo de conhecimentos ambientais locais¹⁹ se traduz de formas sutis, porém fundamentais para a sobrevivência dos homens a partir dos recursos marinhos. Saber precisamente que no tempo do verão deve-se levar como isca a manjuba, que era abundante nessa época, e que no tempo do inverno o guruçá²⁰ (famosos caranguejo das praias capixabas) serve perfeitamente de isca, é uma informação valiosa, que pode fazer a diferença entre o sucesso ou o fracasso de uma pescaria. Além disso, há também um repertório de alimentos próprios para se levar na embarcação, composto basicamente de peixe assado, farinha e banana. Tais alimentos primam por seu valor nutritivo e por se manterem relativamente bem, durante certo tempo, na embarcação. Assim

¹⁸ Entrevista concedida por Antônio Bino. Entrevista I. [jan. 1971]. Entrevistador: Maria Bernadete Marques Abaurre. Manguinhos, ES, 1971. Duas fitas para gravador de rolo (120 min.), transcritas manualmente.

¹⁹ Este tipo de conhecimento pode ser compreendido como um arcabouço cultural que se forma somente no decorrer de anos e anos de prática da pesca, e é constituído e transmitido de geração em geração, especificamente por via da oralidade e pelos meios mais variados de trabalhos e técnicas de ensino e aprendizagem que envolvem a atividade da pesca artesanal. É essencialmente um conhecimento local em contraposição ao global. Assim, numa aproximação entre as leituras dos termos tradicional, artesanal e *geracional*, que explicam as qualidades dos conhecimentos dos povos chamados de “tradicional”, temos em Ramalho (2006), Almeida (2001) e especificamente na obra de Diegues (2004), uma boa definição do termo como: “o conhecimento tradicional na pesca é entendido como um conjunto de práticas cognitivas e culturais, habilidades práticas e saber fazer transmitidas oralmente nas comunidades de pescadores artesanais com a função de assegurar a reprodução de seu modo de vida. Berkes (1993) também define esse conhecimento como um conjunto cumulativo de saberes e crenças transmitidas culturalmente através de gerações sobre a relação dos seres vivos (incluindo os humanos) entre si e com seu meio-ambiente (Gadgil, Berkes e Folke, 1993). In: BAEZ, 2016, p. 72

²⁰ *Ocypode quadrata*, também conhecido pelo nome popular de “Maria Farinha” em outras regiões do Brasil.

percebemos que há também um conhecimento alimentar adequado ao trabalho da pesca.

A questão da importância da sazonalidade, relacionada acima às iscas adequadas, ganha ainda mais relevo em falas como esta:

Abaurre: é todo dia que vocês pescam muito quando vão ao alto, ou não é sempre?

AB: tem dia que dá sorte, e tem dia que não arruma nada, vem vazia...

Abaurre: e isso depende do tempo?

AB: depende do tempo...

Abaurre: qual é o tempo melhor para pescar?

AB: tempo bom tá agora, mês de janeiro, fevereiro...mês de maio e junho já é mais ingrato, dá vento sul.

Abaurre: então é bom pescar com que vento?

AB: vento pelo norte

Abaurre: nordeste também?

AB: é, vento pelo norte como está. Mas vento sul é vento ingrato, maltrata nós todos lá fora (Informação verbal).²¹

Os meses de verão são anunciados como os mais favoráveis para a pesca no litoral capixaba. Afinal, são meses menos sujeitos às intempéries das frentes frias trazidas pelo famoso vento sul. Observamos nesta fala uma estreita relação do pescador com os ventos, uma relação que também pode ser observada em relatos de pescadores de outros locais, como no litoral do nordeste brasileiro, por exemplo.

Na pesca artesanal paraibana analisada por Baez (2016), temos variados exemplos da presença desse mesmo tipo de conhecimento dos mares, diretamente relacionado aos ciclos naturais de funcionamento dos ventos e das luas – elementos centrais para uma boa organização das atividades da pesca artesanal. Comentando justamente esse aspecto dos ventos influenciando as saídas ao mar, o Sr. João Preto (conhecido como mestre Bodinho da Penha)²² explicava:

²¹Entrevista concedida por Antônio Bino. Entrevista I. [jan. 1971]. Entrevistador: Maria Bernadete Marques Abaurre. Manguinhos, ES, 1971. Duas fitas para gravador de rolo (180 min.), transcritas manualmente.

²² Mestre de pesca aposentado, de 78 anos no ato da entrevista, e residente do Bairro da Penha, localizado a beira-mar na zona urbana de João Pessoa/PB.

O coração do mar é o vento, se o vento aperreou-se, o mar fica bravo, quanto mais o vento estiver brando, o mar fica bem miudinho [...] A gente saía com vento terral, aquele bem mais frio da madrugada. Esse que empurrava o pano pro fundo. Em trinta minutos já chegava lá fora. Enchia o barco e voltava com a maresia do meio dia. Tem também o sudoeste que empurra bastante. (João Antônio Ribeiro, informação verbal. In: BAEZ, 2016, p. 157)

Observamos neste relato oral um resumo quase poético desta relação entre vento e mar: “O coração do mar é o vento”. Quando este se “aperreia” o mar rapidamente se torna agitado. Caso contrário, com o vento tranquilo, as águas se tornam claras e serenas, e o pescador pode observar o mar na plenitude de sua natureza. Notamos mais uma vez neste relato de um pescador paraibano que viveu até o ano de 2017, as estreitas relações entre a pesca artesanal e o conhecimento dos ciclos naturais que ditam os ritmos dos mares. Trata-se do mesmo tipo de conhecimento que pode ser reconhecido na fala do mestre capixaba aqui estudado: um conhecimento experiencial e sutil sobre ventos e marés propícias ou perigosas para pesca, sobre horários para ir ou voltar do mar com o pano das velas²³, um conhecimento que pertence a uma mesma categoria epistemológica, mas que pode variar profundamente de uma região para outra, ou até mesmo de uma praia para outra praia vizinha.

Quando aplicado especificamente aos locais de pesca em meio ao mar, esse conhecimento costuma ser chamado de “marcação”, e o vemos também presente na fala do Sr. Antônio Bino:

Abaurre: como vocês veem qual é ponto para pescar, o lugar onde vocês vão pescar?

AB: bom, lá já tem uns lugares marcados. Quando o camarada tem boa cabeça, ele olha para os morros lá do sul, e olha aqui pros morros...esse morro que nós chamamos de morro da Serra, tem um que chama Maracapaba, tem outro que chama Guaranhum...tem outro morro que chama Morro dos Caiau

²³ A pesca feita nos anos 70 em Manguinhos era também predominantemente baseada em barcos a vela, através dos quais se acessava o mar aberto, e o Sr. Antônio Bino foi também um exímio conhecedor das velas. No entanto, já havia também a pesca a motor conforme o relato do pescador, que registra nesse momento dos anos 70 a inserção desta "nova tecnologia" no contexto da pesca tradicional da região. O uso desta nova tecnologia foi aos poucos sendo agregado ao conhecimento pesqueiro tradicional da região.

(calhaus)...hã...tudo isso (Informação verbal)²⁴.

Cabe retomar, aqui, algumas reflexões sobre a pesca nordestina, com o objetivo de explicar a abrangência e utilização das técnicas de marcação no espaço costeiro brasileiro. Ramalho (2006), ao explicitar as peculiaridades do sistema de marcação dos territórios pesqueiros na pesca pernambucana, afirma que, dentro das particularidades do modo de vida pesqueiro, o sistema de marcação do espaço aquático, que é inerente à pescaria artesanal, confere singularidade à forma como os pescadores se apropriam dos recursos ecológicos. A este respeito, cita a fala de um pescador pernambucano:

[...]A marcação é pelas terras. Você vê um morro aqui. Então, a pedra [ponto de pesca] é aqui. Aí você diz: é esse morro aqui pegando com esse. Aí sai botando nome dos morros, são muitas marcas. Pra pescar mesmo, é pelas marcas na terra. (Alberis de Paula, 47 anos, pescador de Suape. In: RAMALHO, 2006, p. 152)

Podemos observar, no depoimento do pescador pernambucano, o mesmo princípio presente no depoimento do capixaba, ou seja: é preciso ter “cabeça boa”, saber observar os morros e os pontos de referência na terra para se guiar adequadamente no mar. É preciso ter uma inteligência específica para exercer essa função da pesca, uma inteligência que se traduz em um profundo senso prático de localização.

Entretanto, embora se observe nos relatos anteriores que este conhecimento da marcação seja fundamental para a pesca de alto mar – um tipo de pesca aventureira e mais individualizada–, a grande marca registrada da pesca de Manguinhos até o início da década de 1980 teria sido o trabalho comunitário da pesca de arrastão, feita no interior de suas enseadas. Sobre isso, nos relata o Sr. Antônio Bino:

Abaurre: bem, seu Antônio, aqui em Manguinhos vocês tem costume de botar rede. Para pegar peixe, né? Então eu queria saber como é que vocês fazem isso. Em primeiro lugar, como é

²⁴Entrevista concedida por Antônio Bino. Entrevista I. [jan. 1971]. Entrevistador: Maria Bernadete Marques Abaurre. Manguinhos, ES, 1971. Duas fitas para gravador de rolo (120 min.), transcritas manualmente.

que vocês descobrem que está na hora de lançar uma rede?

AB: hoje conhecemos que estava na hora por causa que a maré amanheceu vazia, tava vazando. Então nós combinamos pra nós botar a rede quando estava mais cedo, que a água estava mais escura. Quando nós saímos, tava já os peixes fazendo aquela onda em cima d'água. Eu digo aqui, "a manjuba está boiando". Romário disse: "aonde?"...hehehe. Digo: "tá aqui pela proa". Aí, quando nós chegamos mais, tava aquela porção de cardume né? Nós aí passamos a rede (Informação verbal)²⁵

É importante notar, em primeiro lugar, que toda a descrição da pesca com redes, ou pesca de arrastão, é feita pelo Sr. Antônio Bino no plural: "nós combinamos", "nós saímos", etc. Embora todo trabalho da pesca seja eminentemente coletivo, nenhum tipo de pesca é tão dependente da coletividade como a puxada de redes. E é justamente esta organização coletiva complexa, que envolve uma série de divisões do trabalho (entre os que observam, os que vão na canoa, os que puxam a rede na areia...), que poderia ser considerada o elemento central de coesão social da vila de Manguinhos até aquele período. Ou seja: a história de Manguinhos era essencialmente uma história de seu trabalho comunitário na pesca de arrastão, em torno da qual orbitavam uma série de outros serviços e agentes sociais. Isso fica ainda mais evidente na fala seguinte:

Abaurre: e como é que vocês passam a rede?

AB: aí fomos largando, soltando o cabo, quando chegou lá foi arriando o calão, o do norte, o mestre é Gabriel, na rede de Eucride [Euclides, proprietário desta rede]. E então, fomos arriando, arriando, arriando, quando chegou aqui no cabo de baixo, nós saltamos na praia. Eles saltaram, nós saímos pra fora na canoa, viemos puxando, chegou, foi que pegamos esses peixes, que veio essas litrias, veio essas pescadas e veio manjuba (Informação verbal).²⁶

Observamos aqui mais um registro das espécies abundantes nas redes da década de 1970, como litrias e manjubas. Sobretudo a pesca de arrastão da manjuba é também minuciosamente descrita no trabalho de Neves (2003), realizado na década de 1950, o que nos mostra que nas duas décadas seguintes,

²⁵ Ibid.

²⁶ Ibid.

apesar das constantes puxadas de rede, os cardumes de peixe continuavam frequentando sazonalmente a região. A pesca da manjuba, nas descrições do Sr. Antônio Bino, aparece como um trabalho profundamente organizado, com número certo de participantes, situados sempre de forma estratégica:

Abaurre: o senhor disse que vocês costumam ir em quantos na canoa?

AB: em cinco.

Abaurre: e na terra, ficam quantos?

AB: na terra ficam quatro na praia.

Abaurre: e o que que esse pessoal da praia faz?

AB: puxando a rede... (Informação verbal)²⁷

Além deste intenso trabalho coletivo predominantemente masculino, a puxada de rede envolvia também um árduo trabalho feminino: as mulheres da vila eram responsáveis por “escalar” a manjuba, isto é, limpar o peixe retirando suas vísceras, salgar e secar os pescados, para que estes durassem o tempo suficiente para serem vendidos aos imigrantes pomeranos que desciam das serras capixabas a fim de adquirir a iguaria. Essa parte do trabalho era feita em meio à “praça” da vila, ao lado dos quitungos, termo local referente às cabanas ou caixaras de pesca. Com essa importante etapa do trabalho feminino, completava-se o ciclo do trabalho coletivo, integrando toda a comunidade. Este completo envolvimento da vila e de seu território na atividade pesqueira ficou registrado na imagem abaixo, feita por um fotógrafo local na década de 1970:



(imagem 1: pescadores dispendo as manjubas na praça de Manguinhos. Acervo dos autores)

²⁷ Ibid.

A bela imagem acima nos revela o auge do processo descrito anteriormente, a abundância de peixes deixando o chão da praça da vila literalmente “prateado”, e os pescadores totalmente absortos em seu trabalho – talvez ignorando a presença do fotógrafo –, em sua posição agachada, com a coluna arqueada, dispendo no chão, sobre folhas de palmeira, as toneladas de manjuba que haviam sido “escaladas” e colocadas na salmoura durante a noite pelas mulheres, nos quitungos, à luz de lampiões. Esta abundância proteica representa o fruto do esforço coletivo e representa também a garantia de sobrevivência daquela comunidade nos meses de inverno, por exemplo, quando o mar se torna bravio e não se pode botar a canoa no mar. Nesse contexto do início da década de 1970, observamos que o território central da vila era completamente devotado à pesca, um cenário que viria a se transformar profundamente nas décadas seguintes.

3. A (des)territorialização da pesca e do Congo em Manguinhos (ES)

A partir de um determinado momento histórico, no entanto, é possível observar profundas transformações sociais na vila de Manguinhos, e o “território” da pesca passa a ser relegado a espaços cada vez mais reduzidos. Como vemos nos relatos do Sr. Antônio Bino, a disposição dos espaços, tanto em mar como em terra, é algo central para a empreitada da pesca coletiva. São os chamados territórios pesqueiros, que se desdobram pelas águas, areias e pelo chão dos povoados.

Podemos considerar consenso nos estudos socioantropológicos sobre pesca artesanal que os territórios pesqueiros se estendem desde extensões maiores ou menores de faixa costeira (terra firme), até mares oceânicos cuja distância em relação ao continente ultrapassa 100km. Nessa perspectiva, os territórios pesqueiros são áreas extensas de uso e apropriação cultural por parte dos pescadores, que dependem dessas áreas para sua sobrevivência material e cultural (BAEZ, 2016, p. 58). O processo de redução dos territórios pesqueiros na Vila de Manguinhos passa a ocorrer de forma cada vez mais acentuada a partir

da década de 1980, quando a localidade se consolida como ponto de veraneio e turismo a partir de Vitória. Uma linha de ônibus urbanos também se estabelece nessa década, democratizando o acesso à praia, que se transforma nos fins de semana num balneário da grande Vitória.

Junto com o incremento do turismo, temos um incremento do comércio e dos restaurantes na praça, que se apropriam com mesas e cadeiras daquele espaço antes dedicado aos artefatos da pesca e aos resultados desse trabalho. Junto das mesas chegam também os carros dos turistas que se instalam nos restaurantes, disputando o espaço central da vila com pescadores, barcos e artefatos de trabalho. Mesmo assim, entre pontos comerciais, carros e outras inserções comuns a praias que se tornam “urbanas”, os pescadores tradicionais resistem na praça com suas bancadas de peixe posicionadas à sombra das últimas castanheiras.



(imagens 2 e 3: o território atual dos pescadores. Acervo dos autores)

Ao analisarmos as imagens atuais da praça, em comparação com a imagem do início da década de 1970, observamos que a vila passa por um processo intenso de urbanização que se dá a partir das areias de suas praias, que se tornam cada vez mais disputadas, num processo comum a diversas áreas costeiras e que coincide com a própria construção das praias urbanas como áreas democráticas por excelência. Como nos lembra o pesquisador Luís Guilherme Albuquerque de Andrade:

Mais do que um espaço de prazer e entretenimento, quando inseridas no contexto urbano, praias configuram espaços potenciais de sociabilidade, comum aos diversos estratos sociais.

Nesta dinâmica, a faixa de areia e suas áreas adjacentes tornam-se o espaço de importantes práticas socioculturais, estruturadoras de vínculos e relações sociais, que contribuem para a qualidade da vida urbana. Elas conformam espaços públicos urbanos, à medida que nelas se abre a possibilidade de encontro e articulação com a alteridade. Percebe-se que nesta conformação, a praia transforma-se em um espaço de negociação entre diferentes, num processo por vezes conflituoso, revelando qualidades dos espaços onde a vida pública acontece. (ANDRADE, 2015, p.12)

A própria inserção de Manguinhos no contexto desta urbanidade é responsável pela ampliação dos usos de espaços que antes eram dedicados somente à pesca. Trata-se de um processo de “negociação entre diferentes”, mas que revela justamente essa natureza da vida pública por excelência. Nessa negociação, no entanto, fica evidente a perda de territórios pesqueiros desde a década de 1980 até a contemporaneidade. Tais territórios, conforme vimos anteriormente, além de zonas espaciais, representam também zonas socioculturais fundamentais para a sobrevivência dos pescadores.

Paralelamente a esta (des) territorialização da pesca, temos uma tentativa de preservação da banda de Congo da localidade, bem como da identidade pesqueira a ela associada, sobre a qual trataremos brevemente em nossas considerações finais.

4. Considerações finais

Nossa proposta neste artigo foi observar a importância da pesca artesanal e das festas populares religiosas para a constituição da vila de Manguinhos, nas falas de um dos seus principais protagonistas nos anos de 1970-80 e, posteriormente, observar de forma preliminar as transformações sociais acarretadas pelo processo de urbanização da vila e suas relações com as transformações sociais da atividade pesqueira na região. Trata-se de um estudo ainda de caráter inicial, para o qual outras questões e narrativas podem e devem ser incorporadas para dar vida a este mosaico complexo que compõe a história, religiosidades populares e cultura do local.

No entanto, dois pontos centrais podem já ser percebidos com clareza: primeiro, a importância da pesca artesanal, associada à cultura negra da região, para a formação de uma “identidade” da vila de Manguinhos, que se mantém ainda hoje em locais como o “ponto de cultura Casa de Dona Herondina”, ponto de reunião da banda de Congo, localizado no centro da vila, onde a herança da religiosidade popular, relacionada ao Congo, vem sendo passada para as novas gerações. O segundo ponto a ser observado é o processo em curso de “(des)territorialização” da pesca enquanto atividade laboral. Observamos que a importância do trabalho da pesca artesanal diminui, na mesma medida em que diminuem seus territórios. Mas, de alguma forma, notamos a existência de uma resistência cultural coletiva, expressa principalmente nas festas religiosas, onde vemos uma identidade local construída com base nesta memória pesqueira, nas festas populares-religiosas e em figuras como Antônio Bino, referência icônica de um povoado original que hoje se perde nas brumas do tempo.

Referências

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Considerações sobre a utilização de registros palatalizados e labiovelarizados em um dialeto do litoral do Espírito Santo. In: *Anais do V Encontro Nacional de Linguística - volume II*, Out/81. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1981.
- ANDRADE, Luís Guilherme Albuquerque de. *O espaço público da praia: reflexões sobre práticas cotidianas e democracia no Porto da Barra em Salvador*. Dissertação (mestrado), Faculdade de Arquitetura, UFBA, Salvador, 2015.
- BASTOS, Luciete de Cássia Souza Lima. *Os fios da memória nos teares da imaginação de Ana Maria Machado [manuscrito: o narrador em Do outro mundo]*. Dissertação (mestrado), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- BAEZ, Gustavo Cesar Ojeda. *Mestres, territórios e identidades pesqueiras em João Pessoa: etnografia dos sistemas culturais da pesca artesanal nos bairros da Penha e Jacarapé*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFCG, Campina Grande, 2016.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CERNIAVSKIS, Elvira. *Congo: fé ou festa? Eis a questão!* Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, CELACC / ECA – USP, São Paulo, 2010.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CONCEIÇÃO, A. L. R. *As Bandas de Congo de Cariacica/ES: Quando os Tambores tocam no ensino de História*. 2ª. ed. Cariacica: Marco Zumbi cultura e Educação, 2013.

CORBIN, Alain. *The Lure of the Sea: The Discovery of the Seaside in the Western World, 1750-1840*. Berkeley, CA: University of California Press, 1994.

COSTA, Douglas Pinheiro e MATTOS, Thiaya Freitas. A cultura e religiosidade do congo capixaba. In: *Revista Unitas*, v.5, n.2 (n. especial), 2017.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Anna. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

DINIZ, Igor Mello. Os estudos de folclore e as ciências sociais no Brasil (1930 – 1940). In: *Revista Habitus*, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.132-141, dezembro 2010.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

GOMES, Ramonildes Alves e GOMES, Valdeci Feliciano. Laços matrimoniais, amarras tradicionais: a família como autoconstituição em Câmara. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 22, n. 55, p. 185-200, Jan./Abr. 2009.

GNERRE, Maria Lúcia Abaurre. *A Forma e a Nação: Estilo Historiográfico em Formação do Brasil Contemporâneo*. Dissertação (Mestrado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2001.

JARDIM, Rejane B.; PIEPPER, Jordana, A. *Aproximações e divergências: história social, história cultural e a perspectiva Gênero*. In: *MÉTIS: história & cultura* – v. 9, n. 18, p. 87-97, jul./dez. 2010.

MACEDO, Inara Novaes. A espetacularização do congo no Espírito Santo. In: *Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES*, ano 3, v.3, n. 7, dezembro de 2013.

MACIEL, Cleber da Silva. *Negros no Espírito Santo*. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, Secretaria de Produção e Difusão Cultural/UFES. 1994.

NEVES, Guilherme Santos (Org) e NEVES, Reinaldo Santos (Ed.). *Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982*. v.2. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.

NEVES, Guilherme Santos. *Bandas de Congo*. In: *Cadernos de Folclores*, n. 30, Rio de Janeiro, Ed. FUNARTE, 1980.

O'DONNELL, Julia. *Um Rio Atlântico: culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana*. Tese (Doutorado), PPGAS, MN/UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

OSÓRIO, Carla. *Negros no Espírito Santo*. São Paulo: Escrituras editora, 1999.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. *“Ah esse povo do mar!”: um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana*. São Paulo: Polis : Campinas, SP : CERES – UNICAMP, 2006.

THOMPSON, Edward P. *A Formação da Classe Operária Inglesa: A força dos trabalhadores*. Vol. III 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

WEINSTEIN, Bárbara. *A pesquisa sobre identidade e cidadania nos EUA: da Nova História Social à Nova História Cultural*. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 16, n. 35, p. 227-246, 1998.

Relatos Orais:

BINO, Antônio: depoimento I [Jan. 1971]. Entrevistadora: Maria Bernadete Marques Abaurre. Manguinhos, Espírito Santo, 1971, Duas fitas para gravador de rolo (120 min.).

BINO, Antônio: depoimento II [Jan. 1980]. Entrevistadora: Maria Bernadete Marques Abaurre. Manguinhos, Espírito Santo, 1980, Uma fita para gravador de rolo (60 min.).

Enviado em: 16-12-2019
Aprovado em: 20-12-2019